

A BUSCA DA IDENTIDADE NA FICÇÃO DE LIVIA GARCIA-ROZA E TATIANA SALEM LEVY*

THE SEARCH FOR IDENTITY IN THE FICTION OF LIVIA GARCIA-ROZA AND TATIANA SALEM LEVY

Raquel Martins Alves 1

Olívia Aparecida Silva 2

Maria Perla Araújo Morais 3

Professora licenciada pelo Curso de Letras - Português 1 e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Tocantins. Especialista em Metodologia de Ensino e Pesquisa na Educação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pelo Instituto Líber de Pós-Graduação. Tem experiência na educação com o Ensino Fundamental II e Médio, bem como na área de Literatura, com ênfase em Teoria Literária, Autoria feminina contemporânea, Estudos Feministas e de Gênero. Atualmente cursando Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Tocantins - Campus de Porto Nacional. E-mail: raquel_martinsrw@hotmail.com

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual 2 do Ceará (1992), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1997) e doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (2005). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, narrativa contemporânea, memória, autobiografia. E-mail: olivia@mail.uft.edu.br

Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal de 3 Juiz de Fora (1998), Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2000) e Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2006). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas, atuando principalmente nos seguintes temas: Guimarães Rosa, Mia Couto, Literatura e História, Identidade Cultural, Transculturação, Walter Benjamin, Monstruosidade. É professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Tocantins e líder do grupo de pesquisa NELA: Núcleo de estudos de Literaturas Africanas e Portuguesa, cadastrado no CNPQ. E-mail: perlamorais@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo desenvolver uma relação de aproximação entre os romances *Meu Marido* (2006), de Livia Garcia-Roza e *A Chave de Casa* (2007), de Tatiana Salem Levy, no que diz respeito às confluências presentes nas obras acerca da temática da busca por identidade(s), com vista a entender o sujeito feminino contemporâneo. Para tanto, faz-se necessário analisar a questão da identidade cultural, nos termos de Stuart Hall, do sujeito pós-moderno como ser que carrega dentro de si múltiplas identidades nas quais estão sempre em transformação. À luz de teorias feministas, como as desenvolvidas por Regina Dalcastagnè e outras, o corpus deste trabalho procura, também, integrar a questão da identidade cultural com a questão da identidade feminina, corroborando para a compreensão da construção e reconstrução da imagem da mulher a partir da rememoração e narração dos fatos passados com o intuito de dar sentido à existência no presente.

Palavras-chave: Literatura comparada. Autoria feminina. Identidade. Memória.

Abstract: The present work aims to develop a relationship between the novels *Meu Marido* (2006) by Livia Garcia-Roza and *A Chave de Casa* (2007), by Tatiana Salem Levy, with regard to the confluences present in the works about the theme of the search for identity(ies), in order to understand the contemporary female subject. In order to do so, it is necessary to analyze the question of cultural identity, in the terms of Stuart Hall, of the postmodern subject as being that carries within him multiple identities in which they are always in transformation. In the light of feminist theories, such as those developed by Regina Dalcastagnè and others, the corpus of this work also seeks to integrate the question of cultural identity with the question of female identity, corroborating the understanding of the construction and reconstruction of women's image from of the recollection and narration of the past events with the intention of giving meaning to the existence in the present.

Keywords: Comparative literature. Female authorship. Identity. Memory.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Introdução

O conceito de identidade feminina se constituiu ao longo da história da humanidade muito vinculado ao espaço doméstico. Muito opressora, a sociedade de base patriarcal definiu, com grande restrição, os papéis sociais da mulher, que passou a ser o anjo do lar, a cuidadora (dos filhos, do marido, da casa), a reprodutora; enfim, tudo isso passou a ser disseminado como aspectos inerentes à “natureza feminina”.

Visto que a identidade de um indivíduo, até meados do século XX, era tida como “fixa, coerente e estável”, utilizando as palavras de Stuart Hall (2003, p. 9), logicamente, a identidade feminina também era vista de forma una e universal pela ótica patriarcal, “praticamente anulando o caráter individual de cada uma” (DUARTE, 1997, p. 58).

A mudança só vem a aparecer em meados do século XX, época de crescente fluxo de informações e, também, de grandes mudanças sociais, pois é nessa mesma época que os sujeitos subalternos, também denominados como sujeitos marginais (mulheres, negros, homossexuais, pessoas da classe baixa), passam a questionar os poderes constituídos por meio de movimentos de busca por uma sociedade mais igualitária. De acordo com Hall (2003), isso serviu para notarmos que os sujeitos não são unos, como certas hegemonias afirmavam.

É nesse cenário pós-moderno que se encontram as obras a serem discutidas neste trabalho. Em *Meu Marido* (2006), de Livia Garcia-Roza, temos a história de uma família que se apresenta em ruína. Narrada em 1ª pessoa por Bela (Belmira), a história vai se tecendo aos poucos em torno da pequena família. Bela é professora de inglês de um curso de idiomas e é casada com Eduardo Durand, um delegado de polícia. O casal tem um filho pequeno, Raphael. Vivem em um bom apartamento no Rio de Janeiro na companhia da babá, Dulce (e espécie de faz-tudo) e também de um cachorro. Aparece, ainda, na trama, a presença da família de Bela: sua mãe, seu pai e sua irmã. O romance é um recorte de um determinado espaço de tempo da vida do jovem casal e, a partir da fala de Bela, os conflitos matrimoniais e identitários da protagonista nos são apresentados.

A *Chave de Casa* (2007), de Tatiana Salem Levy, apresenta uma protagonista narradora presa a um corpo estagnado que, após receber a herança do avô, - uma chave de uma casa na Turquia onde ele morou na juventude - resolve sair de casa em uma viagem de retorno às origens e memórias familiares. O intuito é buscar a (re)significação de sua própria identidade, procurando responder a velha pergunta “quem sou eu?”, pois neta de judeus turcos, nascida em Portugal e brasileira desde os primeiros meses de vida, a personagem narradora não nomeada na narrativa se vê em múltiplas faces, porém em desajuste em cada uma delas: judia, turca, brasileira, mulher, filha, neta, amante.

Sob tais aspectos, o presente trabalho tem por objetivo desenvolver uma relação de aproximação entre os romances *Meu Marido*, de Livia Garcia-Roza e *A Chave de Casa*, de Tatiana Salem Levy, no que diz respeito às confluências presentes nas obras acerca da temática da busca por identidade(s), com vista a entender o sujeito feminino contemporâneo. Ambas as autoras incorporam em seus discursos narrativos possibilidades de revisão das imagens identitárias das personagens, fazendo-as capazes de promover espaços onde seja possível a subversão dessas imagens, possibilitando-as se verem e se sentirem com identidades próprias e independentes.

A busca por identidade nessas personagens se justifica de forma diversa. Em *Meu Marido*, a procura da identidade por parte de Bela está fortemente ligada à questão do seu relacionamento submisso e abusivo com Eduardo, que, ao viver um casamento constituído aos moldes tradicionais patriarcais, não se sente feliz e integrada às identidades limitadoras que tomou para si. Já na protagonista de *A Chave de Casa*, a procura da identidade se mostra ligada a fatores mais amplos. Primeiro que é muito mais espacial que amorosa, pois, apesar de ter vivido uma história de amor turbulenta, que também provocou na personagem uma perda de sentido de si mesma, a questão confusa de sua nacionalidade é um fator muito mais central no que diz respeito a sua busca por identidade, uma vez que, ao “pertencer” a três países diferentes, a protagonista não se sente pertencente a nenhum deles, sentindo-se como alguém desterritorializado. Soma-se a isso o fato traumático da doença e morte da mãe, com quem compartilhava grande proximidade.

Cada personagem, à sua maneira, se perceberá como indivíduo que carrega sobre si o peso de habitarem nelas identidades que não correspondem com a personalidade próxima do seu “eu” verdadeiro. A partir dessa percepção, é que as identidades das personagens serão repensadas.

Tanto uma quanto a outra utilizar-se-á da memória para promover o encontro consigo própria. Ambas irão refletir sobre si mesmas por meio do contar/escrever suas histórias, suas vivências. Essa foi a forma que encontraram para buscar o autoconhecimento.

Dessa maneira, este artigo será discutido, de forma central, à luz das teorias que trabalhem as questões de identidade cultural, identidade feminina e memória. Mas também, buscar-se-á subsídios em textos que discutem a condição social feminina frente a uma sociedade de dominação masculina, bem como textos que trazem à tona a questão da desterritorialização cultural e geográfica.

(Trans) Formando Identidades: o passado constituído como ferramenta de organização do presente

Muito se tem discutido a respeito do conceito de identidade na contemporaneidade. Stuart Hall (2003) defende esse evento como resultado das transformações sociais ocorridas no final do século XX, no que se refere às questões de classe, gênero, sexualidade, etnicidade e nacionalidade, bem como o fenômeno de globalização. Isso ocorre porque tais transformações provocaram alterações nos sistemas simbólicos pelos quais nos localizávamos como sujeitos sociais. De acordo com Hall:

Estas transformações estão também modificando nossas identidades pessoais, enfraquecendo o próprio sentido de nós mesmos enquanto sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de *self*” é algumas vezes chamado de deslocamento ou de descentramento do sujeito. (HALL, 2003, p. 9)

Ainda seguindo a perspectiva de Stuart Hall, dizer que há um deslocamento do sujeito na pós-modernidade, leva-nos a pensar que esse sujeito está em *crise de identidade*. Isso pode ser visto em âmbito global, mas também ocorre em nível mais local, ligado à identidade pessoal e às relações pessoais estabelecidas. As protagonistas de Livia Garcia-Roza e Tatiana Salem Levy se enquadram nesse nível mais local e serão estudadas por esse viés.

Segundo Silva (2014), a casa é o espaço onde as pessoas vivem suas identidades familiares. Bela, de *Meu Marido*, nos apresenta esse espaço doméstico como campo principal de atividades diárias, principalmente no que se refere a sua relação matrimonial conflituosa e abusiva com Eduardo. A questão é que seu casamento se constituiu por meio de uma ótica patriarcalista, restringindo-a a um modelo de esposa servil, dona de casa e mãe cuidadora. Impossibilitando-a, dessa forma, experienciar outras identidades pessoais. Veja um exemplo:

No dia seguinte, Eduardo não telefonou de São Paulo. À noite, resolvi ligar para o seu celular. Ele atendeu com voz de locutor, depois consertou. De vez em quando recorre a esse expediente (como ele gosta de dizer), quando não reconhece a voz. Perguntei por que não tinha ligado. Me interpelando, Bela?, reagiu. Estava cheio de trabalho, o que eu queria que ele fizesse? Um chefe de família cumpre com as obrigações, e nossas contas eram altas, tínhamos um bom padrão de vida, não nos faltava nada, e ele era o mantenedor, OK? OK, respondi. Precisava manter boas relações de trabalho. (GARCIA-ROZA, 2006, p. 104)

Percebe-se que há uma imposição de poder em Eduardo que silencia a voz de Bela. “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2014, p. 91). Dessa forma, se é Eduardo o detentor desse poder, é ele quem constrói a(s) identidade(s) de Bela de acordo com a visão androcêntrica que possui, e isso se constitui, muitas vezes, por intermédio do discurso, já que, ao repetir sua supremacia como chefe de família (como ele faz muitas vezes durante a narrativa), acaba por afirmar-se em um espaço demarcado como superior em relação ao espaço de Bela.

Regina Dalcastagnè (2012), ao comentar a respeito do silêncio dos marginalizados, afirma

que há vozes que carregam uma “autenticidade” construída e legitimada socialmente, que buscam falar em nome de outras que são destituídas desse valor. Assim, discursos como os de Eduardo acabam recebendo respaldo social para se fazer válido, sobrepondo ao da esposa, figura que desempenha funções muito menos valorizadas aos olhos da sociedade.

Nesse mesmo sentido, Bela, ao relatar a vida sexual no matrimônio, se mostra ainda mais submersa nas vontades e desejos do marido e inerte aos seus próprios anseios. Fica claro o posicionamento submisso da protagonista nas descrições das relações sexuais do casal, pois, além de não tomar qualquer iniciativa, nem tampouco revelar seus desejos, ainda obedece a todas as ordens de Eduardo, mesmo as mais esquisitas e absurdas, cumprindo, assim, seu “papel de esposa”:

- O DJ vai escolher a trilha sonora e pede que a formiguinha faça um desfile pra elefante nenhum botar defeito. Não é pra tirar só a calcinha... nuinha, *please*. Deixe apenas os sapatos de salto. Elegantes, hein? Vai, Bela, encenando! [...]. Vamos, desfilando! Não pare! Agora finja que sua carteira caiu... carteira não, senão você pega depressa, sinta que seu brinco despençou da orelha, aquele de pingente, que você gosta, e que as cores se confundem com as do tapete. De costas pra mim, não é, Bela? Isso. Agora abaixando devagar, lentamente, procurando, está difícil achar, se concentre, abaixe mais, onde estará? [...]. (GARCIA-ROZA, 2006, p. 54-55)

Toda essa descrição evidencia a hierarquia entre os sexos: ele, o elefante, grande e imponente; ela, a formiguinha, no diminutivo ainda, para enfatizar sua fragilidade frente a uma figura tão superior em tamanho e força. Bela, ao obedecer a todos os mandos e desmandos do marido, cumpre o seu “destino de mulher”, como disse Beauvoir: “Ora, a mulher sempre foi, senão a escrava do homem ao menos sua vassala;” (BEAUVOIR, p. 14, 1970). E é isso que Bela é para Eduardo, uma vassala, já que ele usa estratégias de dominação para fazê-la agir de um modo que não partiria espontaneamente dela para suprir seus próprios interesses.

Em *A Chave de Casa*, Tatiana Salem Levy também discute a relação amorosa assimétrica e hierarquizada que se estabeleceu entre a protagonista e um *affair* com quem manteve relações durante um determinado período de tempo. Assim como Eduardo, ele nutria fantasias amorosas, instigando sua parceira a realizá-las:

Quando você aproximou docemente os lábios dos meus ouvidos, sabia que me faria um pedido: amanhã, quero que você passe o dia na rua e só volte no início da noite. Quero que vista uma minissaia e não coloque calcinha. Assim mesmo: quero você toda nua por debaixo da saia. (LEVY, 2013, p. 98)

Este é um relacionamento que se constituiu por meio da realização das fantasias do parceiro da protagonista para com ela, que, no romance, são chamadas de “pedido”. O falo foi constituído, segundo a visão androcêntrica, como instrumento simbólico da virilidade, mantendo uma relação estreita com a questão da honra masculina. Segundo Bourdieu:

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quiddidade do *vir*, *virtus*, questão de honra (*nif*), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual – defloração da noiva, progenitura masculina abundante, etc. – que são esperadas de um homem que seja realmente homem. (BOURDIEU, 2003, p. 20)

Assim como Bela, a protagonista de *A Chave de Casa* também vai acatando os pedidos do seu parceiro. Mas, aqui, a dominação masculina exercida sobre a protagonista vai além da violência simbólica, transforma-se em violência física e psicológica. Contudo, no decorrer da narrativa, a personagem consegue se pronunciar e romper com o ciclo opressor que se instaurou em sua vida.

Para o feminismo, negar o direito de acesso dos homens ao corpo das mulheres é uma maneira de malograr os esquemas de dominação masculina.

No entanto, viver situações traumáticas e de extrema submissão feminina frente ao masculino contribuiu para um apagamento de si mesma e, conseqüentemente, para uma perda de identidade da protagonista. Ela confessa:

Conto (crio) essa história dos meus antepassados, essa história das imigrações e suas perdas, essa história da chave de casa, da esperança de retornar ao lugar de onde eles saíram, mas nós dois (só nos dois) sabemos ser outro o motivo da minha paralisia. [...]. Eu não nasci assim. [...]. Eu fiquei assim. Fui perdendo a mobilidade depois que o conheci. Depois que o amei: depois que conheci a loucura através do amor, o nosso. Foi o amor (excedido) que me tirou, um a um os movimentos do corpo. Que me deixou paralisada nessa cama fétida de onde hoje eu não consigo sair. (LEVY, 2013, p. 125)

Essa confissão faz com que o leitor perceba que o estado paralítico da personagem é metafórico e dizer que a imobilidade na qual se encontra é fruto de vivências conflituosas e opressivas constitui-se uma leitura possível para explicar a sua perda do sentido de si mesma, uma vez que ela diz: “Fui perdendo a mobilidade depois que o conheci”.

Passar por experiências de sofrimento e de entrega de si para um outro, ou por um outro, acaba fazendo com que a pessoa a qual se entrega esqueça de si mesma. Seus desejos, sonhos, vontades, vão sendo deixados de lado para que os desejos, sonhos e vontades da outra pessoa sejam supridos. Isso aconteceu com a protagonista de *A Chave de Casa*, não só em relação a sua experiência amorosa relatada, mas também em relação à doença e à morte de sua mãe.

No decorrer da leitura, percebe-se que há uma proximidade muito grande entre mãe e filha, e, quando a mãe descobre que tem câncer, é a filha quem cuidará dela até que a doença consuma toda a sua vitalidade. Passar por todo esse processo contribui para que a protagonista esqueça um pouco de si mesma para se dedicar à mãe, e, quando esta vem a óbito, um sentimento de perda de significação recai sobre ela, que diz:

Eu não nasci assim. [...]. Eu fiquei assim. Fui perdendo a mobilidade depois que você se foi. Depois que conheci a morte e ela me encarou com seus olhos de pedra. Foi a morte (a sua) que me tirou, um a um, os movimentos do corpo. (LEVY, 2013, p. 57)

Soma-se a isso a questão confusa da nacionalidade da protagonista. Além de ser descendente de família turca, ela nasceu em Portugal, enquanto seus pais estavam em exílio por causa da ditadura militar brasileira; porém, aos nove meses de idade, depois da Lei da Anistia, mudou-se para o Brasil. A personagem não sabe a qual cultura pertence: “Nasci no exílio, e por isso sou assim, sem pátria, sem nome. Por isso sou sólida, áspera, bruta. Nasci longe de mim, fora da minha terra – mas, afinal, quem sou eu? Que terra é a minha?” (LEVY, 2013, p. 24). Mais adiante ela continua: “Mas não sou portuguesa, sou brasileira. Não, não sou brasileira, sou turca. [...] definitivamente, não sou turca” (IDEM, p. 34).

A territorialidade incorpora tanto a questão geográfica quanto política, econômica e cultural. E é sob a ótica desta última que buscaremos compreender essa falta de pertencimento identitário nacional da protagonista, uma vez que pertencer a um lugar está estritamente vinculado com a forma com que as pessoas se organizam no espaço e como elas dão significado a ele.

Para a personagem em discussão, essa é uma situação um tanto complexa, pois ela nasce em Portugal, mas cria vínculos no Brasil, porque veio muito jovem para cá e ainda tem a condição familiar de imigrantes da Turquia. Isso faz com que se torne um sujeito desenraizado, pois nem se sente mais pertencente ao espaço de onde veio, nem ao espaço de onde está.

Isso é próprio do nosso tempo. Acontece devido ao espírito de globalização pós-moderna que Stuart Hall discute em seus textos, que é a questão da multiplicidade de identidades a qual os sujeitos pós-modernos têm. Essa lógica pode ser estendida a questão territorial, já que múltiplas

territorialidades podem também conviver em um mesmo espaço e produzir identidades territoriais, como atesta Zambrano: “os territórios plurais são uma multiplicidade de espaços diversos, culturais, sociais e políticos, com conteúdos jurisdicionais em tensão, que produzem formas particulares de identidade territorial”. (ZAMBRANO apud HAESBAERT, 2004, p. 9)

Além de produzir identidades, o território também funciona como abrigo, aquele que acolhe. Para Bonnemaison e Cambrèzy (apud Haesbaert, 2004, p. 4) “perder seu território é desaparecer”. O território, neste caso, “não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser”. Assim, está literalmente ligado à identidade. No caso da protagonista em discussão, por se encontrar em situação de conflito do seu próprio “eu”, ela sente medo do não-pertencer; ela quer entender que terra é a dela. No entanto:

a relação entre o indivíduo ou o grupo humano e o território não é uma relação biunívoca. Isto significa que nada impede este indivíduo ou este grupo de produzir e de “habitar” mais de um território. (...) é raro que apenas um território seja suficiente para assumir corretamente todas as dimensões de uma vida individual ou de um grupo. O indivíduo, por exemplo, vive ao mesmo tempo ao seu “nível”, ao nível de sua família, de um grupo, de uma nação. Existe, portanto, multipertencimento territorial. (BAREL apud HAESBAERT, 2004, p. 11)

Na verdade, a protagonista não é um sujeito sem identidade nacional, como pensa que é. Pertencer a múltiplos territórios não acarreta ausência de identidade territorial, mas sim ser pertencente a uma multiplicidade delas. Para compreender esse processo, a personagem buscou na escrita o meio no qual pudesse repensar o seu passado no intuito de (re)significar o seu “eu”.

Por isso, ela escreve a história de seus antepassados. Escrever é um pronunciamento de voz, e voz é sinônimo de poder, de libertação, pois o discurso é uma ferramenta preciosa de autoconhecimento e reinvenção do sujeito. E é essa a sua esperança: “quem sabe aos poucos, quando conseguir dar os primeiros passos, quando conseguir me libertar do fardo, não consiga também dar nomes às coisas? E por isso, só por isso escrevo” (LEVY, 2013, p. 10).

Escrever é o meio que encontra para atribuir sentido à vida, visto que contar o fato ocorrido é uma forma de organizar o passado. De acordo com Dalcastagnè, “o passado é organizado, de diferentes formas, para dar um sentido ao presente” (2012, p. 81). Bela, de *Meu Marido*, também recorre à lembrança como forma de organização do presente. Ambas escrevem o que a memória delas, ou o processo criador impõe enquanto verdade através da memória; tanto uma quanto a outra recorrerá à escrita como forma de voltar ao passado para entender quem elas são. Pois, “sendo donas de seu passado, essas personagens teriam poder para gerenciar seu presente, e mesmo seu futuro, seja lá o que isso queira dizer para cada uma delas” (IDEM, p. 81).

Narrar o passado, para as duas personagens, é muito importante para que haja uma reconstrução da identidade, uma vez que recorrer à memória permite um retorno às lembranças e experiências, oferecendo uma nova chance de interpretação e entendimento de si mesmo. De acordo com Schmidt:

a memória, mais do que um simples arquivo classificatório de informação que reinventa o passado, é um referencial norteador na construção de identidades no presente. Em sua capacidade de manter e segurar o sentido, a memória atua por meio de seus efeitos, que tanto podem ser de lembrança e de renomeação, quanto de ruptura e de denegação do já-dito. (1998, p. 184-185)

Ao valer-se de recursos discursivos que integram o passado e o presente, as personagens propiciam um ambiente no qual se fará possível o renascimento de novas identidades, já não mais submissivas, confusas e estagnadas, mas autênticas, coesas e equilibradas. Enquanto a protagonista de *A Chave de Casa* evidencia sua intenção ao remontar o seu passado, que é a partir do retorno às raízes familiares, conseguir dar nome às coisas e superar o momento de desequilíbrio identitário, a protagonista de *Meu Marido* procura fazer isso sozinha, já que é muito importante para ela falar,

uma vez que viveu por muito tempo dentro de uma jurisdição em que as palavras eram ditas por ela, e os seus desejos eram silenciados.

Assim, mesclando história, memória e escrita, tanto a narrativa de *A Chave de Casa*, quanto a de *Meu Marido* vence o desafio de reconstrução identitária, pois, ao retomar situações conflituosas, acaba por criar uma *crise de identidade*, possibilitando uma revisão e reavaliação das situações para encontrar a superação.

Considerações Finais

É comum, na autoria feminina, depararmos-nos com textos literários que trazem temas de histórias de vida de mulheres que buscam, a partir da narração, dar sentido à existência. Isso acontece porque a escrita feminina carrega consigo uma formação consciente de crítica social e cultural. A literatura, nas mãos das mulheres modernas e pós-modernas, instaura-se como instrumento de luta, resistência e enfrentamento frente a uma sociedade de raiz patriarcal. A mulher procura estabelecer-se como sujeito de seu próprio discurso e capaz de fazer, ela mesma, as representações e recriações sociais e literárias de si.

Sob tais aspectos, pode-se destacar o papel de grande importância que Tatiana Salem Levy e Livia Garcia-Roza têm para a literatura contemporânea. Ambas as autoras constroem personagens femininas capazes de questionar suas identidades formadas no presente da narrativa. E, sabendo que as identidades são erigidas e manipuladas por quem detém o poder para tal, subverter essa ordem é contribuir para desestruturar os esquemas representacionais regidos por uma matriz de dominação masculina.

Em *A Chave de Casa*, Tatiana Salem Levy dá voz a uma personagem feminina que se vê como alguém sem identidade e, por isso, começa a procura pela re-significação de seu próprio eu. A conveniente ausência do nome da protagonista atesta essa condição e a narrativa leva o leitor a perceber seu estado de indivíduo em construção; sua reação e posicionamento diante do sofrimento possibilitaram uma mudança de vida e redescoberta de si mesma, pois mesmo em ruína, optou pelo renascimento.

Em *Meu Marido*, Livia Garcia-Roza apresenta-nos uma personagem que, ao propor narrar a história do seu casamento e do seu marido, como o título da obra sugere, acaba por contar, nas entrelinhas, muito mais sobre si do que dele. É o retrato angustiado de mulher submissa que vai sendo delineado. A autora, dessa forma, contribui para problematizar a condição da mulher, que se percebe em situação de opressão e busca refletir sobre si mesma e suas identidades.

Ambas as personagens se deparam em uma situação de não-percebimento de si mesma; carregam consigo o peso de habitarem nelas identidades que não correspondem com a personalidade próxima do seu “eu” verdadeiro. A partir dessa percepção, é que repensam suas identidades, fazendo isso por meio da narração ao visitar o passado, as protagonistas estão tentando dar sentido ao presente, (trans)formando suas identidades vigentes.

Mas, para isso, não basta a elas falar de si mesmas. A protagonista de *A Chave de Casa* precisa expulsar as dores que carrega no peito acerca da relação amorosa abusiva que vivenciou; precisa superar a morte de um ente tão querido, que deixou um vazio em seu coração; precisa, enfim, voltar ao início de tudo, de onde sua história começou; e a chave para promover esse encontro consigo mesma é buscar na raiz familiar e territorial o seu espaço pessoal. Da mesma forma faz Bela, pois necessita destacar os dilemas do marido e do casamento para chamar atenção para si própria. Mesmo silenciosa e absorta no cumprimento do seu tradicional papel de esposa submissa, ela está sempre ouvindo, e ouvir tem uma função importante, uma vez que quem ouve é o mesmo que relata.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970. 309 p.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 160 p.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo:

Editora Horizonte, 2012. 207 p.

DUARTE, Constância Lima. **O cânone e a autoria feminina**. In: SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulheres e Literatura - (Trans) Formando Identidades. Porto Alegre: Palotti, 1997. 211 p.

GARCIA-ROZA, Livia. **Meu marido**. Rio de Janeiro: Record, 2006. 188 p.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios á multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004. Disponibilidade em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2018.

HALL, Stuart. **A Questão da Identidade Cultural**. 10 ed. Campinas: DP&A, 2003.

LEVY, Tatiana Salem. **A chave de Casa**. Rio de Janeiro: Record, 2010. 189 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 133 p.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Em Busca da História não contada: ou o que acontece quando o objeto começa a falar?** Letras, Santa Maria, n. 16, p. 183-196, janeiro/junho 1998. Disponibilidade em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169824>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

Recebido em 30 de novembro de 2018.

Aceito em 12 de abril de 2019.